



## **FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**

### **Graduação**

### **GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

#### **A relação aluno – professor no ensino fundamental**

Lalesca Tavares de Oliveira Bastos  
Prof. Dra Carolina Fuzaro (Orientador)

#### **RESUMO**

A formação de professores e a sua relação com os alunos é um assunto largamente discutido, pesquisado e estudado, para colocar em evidência as teorias diversas sobre o assunto. A motivação deste trabalho encontra-se na crescente situação de desencontros e desvalorização das relações aluno-professor desde o ensino infantil até o ensino superior e na busca de soluções para melhoria das relações, o que influencia na aprendizagem. Como objetivo geral busca-se analisar e compreender os aspectos gerais, a legislação e os principais desafios das relações aluno-professor na fase do ensino fundamental. Os objetivos específicos compõem-se de: analisar os aspectos principais da relação aluno – professor; discutir os pontos principais da legislação que regem a relação; descrever os principais desafios e soluções para melhoria da relação aluno-professor. O trabalho foi desenvolvido pela metodologia de revisão bibliográfica em artigos científicos, monografias, revistas especializadas e órgãos de pesquisa. As abordagens de ensino também são influenciadas pelos posicionamentos pessoais tanto dos professores quanto dos alunos. Após a realização do presente trabalho, foi possível perceber que muitas dificuldades na relação aluno – professor possuem causas que devem ser estudadas profundamente e muitas vezes estas causas se relacionam com a maneira de ensino do professor ou da escola, que podem optar por um ensino tradicional, distanciando o aluno do professor. Para alunos do ensino fundamental, que encontram-se na pré - adolescência e adolescência, a afetividade no relacionamento com o professor é uma boa ferramenta, uma vez que o aluno se sente mais confiante em compartilhar suas dificuldades com o professor. A própria legislação oferece bases e princípios da educação freireana, que torna o processo de ensino – aprendizagem mais humanizado e próximo. Conclui-se portanto que os objetivos do trabalho foram

atingidos, uma vez que se propôs a discussão da relação professor – aluno e os principais desafios e soluções de melhorias.

**Palavras-chave:** Relação aluno-professor. Educação. Teorias da educação.

### **ABSTRACT**

Teacher training and its relationship with students is a widely discussed, researched and studied subject, in order to highlight the diverse theories on the subject. The main motivation of this work is found in the growing situation of disagreements and devaluation of student-teacher relationships from early childhood to higher education and in the search for solutions to improve relationships, which also influences learning. As a general objective of the work, it seeks to analyze and understand the general aspects, the legislation and the main challenges of student-teacher relationships in the elementary school phase. The specific objectives are: to analyze the main aspects of the student - teacher relationship; discuss the main points of the legislation that govern the relationship; describe the main challenges and solutions for improving the student-teacher relationship. This work was developed through the methodology of bibliographic review in scientific articles, monographs, specialized journals and research bodies, such as Scielo, Teses USP, etc. Teaching approaches are also influenced by the personal positions of both teachers and students. After the completion of this work, it was possible to perceive that many difficulties in the student - teacher relationship have causes that must be studied in depth and many times these causes are related to the way of teaching the teacher or the school, who can choose a traditional teaching , distancing the student from the teacher. For elementary school students, who are in pre-adolescence and adolescence, affection in the relationship with the teacher is a good tool, since the student feels more confident in sharing his difficulties with the teacher. The legislation itself offers bases and principles of Freirean education, which makes the teaching - learning process more humanized and closer. It is concluded, therefore, that the objectives of the work were achieved, since it was proposed to discuss the teacher - student relationship and the main challenges and solutions for improvements.

**Keywords:** Student-teacher relationship. Education. Theories of education.

## Introdução

A formação de professores e a sua relação com os alunos é um assunto largamente discutido, pesquisado e estudado, para colocar em evidência as teorias diversas sobre o assunto.

É claramente perceptível que muitos professores estão descontentes com sua profissão e trabalham de forma quase “automática, preocupando-se apenas em ministrar os conteúdos previstos no currículo. Também é perceptível o crescimento da indisciplina e desrespeito nas escolas por parte dos alunos com os professores.

A motivação principal deste trabalho encontra-se na crescente situação de desencontros e desvalorização das relações aluno-professor desde o ensino infantil até o ensino superior e na busca de soluções para melhoria das relações, o que influencia inclusive na aprendizagem.

Diversas escolas ainda adotam o modelo tradicional de ensino, onde o foco era no professor e o aluno tem por obrigação aprender conteúdos dos quais ele não gosta, com o professor garantindo que o conteúdo seja aprendido. Atualmente, há a adoção por parte de algumas instituições que seguem o conceito de que o conhecimento é um elemento de construção contínua, oferecendo ao aluno as condições para aprender, observar e discutir sobre as mais diversas situações.

Outro fator agravante do desgaste da relação aluno-professor é o grande desenvolvimento das tecnologias da informação, pois os alunos são atingidos por uma grande quantidade de informações de formas mais atrativas do que as formas utilizadas na escola tradicional, o que gera o desafio às instituições de se remodelar e despertar o interesse dos alunos.

Como objetivo geral do trabalho busca-se analisar e compreender os aspectos gerais, a legislação e os principais desafios das relações aluno-professor na fase do ensino fundamental. Os objetivos específicos compõem-se de:

- analisar os aspectos principais da relação aluno – professor;
- discutir os pontos principais da legislação que regem a relação;
- descrever os principais desafios e soluções para melhoria da relação aluno-professor.

O presente trabalho foi desenvolvido por meio da metodologia de revisão

bibliográfica em artigos científicos, monografias, revistas especializadas e órgãos de pesquisa, como Scielo, Teses USP, etc. As palavras chave utilizadas foram relação aluno-professor, educação, teorias da educação.

## **1 ASPECTOS DA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR**

Com o passar do tempo, a relação aluno – professor tem sido largamente discutida, pesquisada, estudada e questionada. É possível observar facilmente que muitos professores estão descontentes com a profissão e por isso, limitam-se somente à passar o conteúdo mínimo obrigatório aos alunos (BELOTTI; FARIA, 2010).

Um dos aspectos relevantes para a ocorrência do desânimo e descontentamento por parte dos professores é a indisciplina dentro das salas de aula, onde não há respeito por parte dos alunos com o professor. Além disso, ainda há a necessidade de desfazer os preconceitos criados em relação à escola por parte dos alunos.

O ensino possui diversas abordagens, que podem ser adotadas pelos professores de acordo com a sua necessidade. Algumas abordagens podem apresentar uma clara referência filosófica e psicológica e outras abordagens são apenas intuitivas ou baseadas em experiências práticas. Também há abordagens que podem ser imitação de outros modelos (MIZUKAMI, 1986).

As abordagens de ensino também são influenciadas pelos posicionamentos pessoais tanto dos professores quanto dos alunos. Deve-se considerar sempre que as situações de ensino – aprendizagem e as atividades educativas são sempre realizadas de forma proposital.

### **1.1 A abordagem tradicional**

No modelo tradicional de ensino a figura central é o professor, cuja função é garantir que os conteúdos sejam aprendidos, independente do interesse ou vontade por parte do aluno (BELOTTI; FARIA, 2010).

O aluno por sua vez apenas executa as prescrições do professor, sua autoridade superior (MIZUKAMI, 1986).

Ainda segundo Mizukami (1986), analisando-se o modelo tradicional pelo

prisma da relação social – cultural, pode-se concluir que neste modelo, os programas educacionais objetivam mostrar os níveis culturais que serão adquiridos durante a vida escolar do aluno, onde a reprovação é necessária quando o aluno não atinge o nível cultural mínimo para a faixa em que se encontra e as provas e exames são o método de avaliação para verificar que o aluno possui os conhecimentos mínimos necessários para a série em que está.

Pode-se afirmar que o modelo tradicional possui uma visão individualista, que não promove o desenvolvimento de atividades em grupos, privando o futuro cidadão das experiências de esforços conjuntos (MIZUKAMI, 1986).

Em relação ao conhecimento, o modelo tradicional prega que o conhecimento parte do pressuposto de que a inteligência é uma capacidade de armazenamento e acúmulo de informações, atribuindo ao aluno um papel insignificante na geração de conhecimento, uma vez que somente os resultados são passados para serem armazenados.

Já em relação à educação, esta é compreendida como a instrução, a transmissão do conhecimento, sendo restrita à escola. Em resumo, trata-se da “transmissão de ideias selecionadas e organizadas logicamente” (MIZUKAMI, 1986).

No modelo tradicional, Mizukami (1986) cita que a escola é considerada como o lugar de realização da educação e o aprendizado é tido como uma cerimônia, sendo necessário que o professor se mantenha distante do aluno, mantendo com ele uma relação vertical. Neste tipo de relação, o professor mantém o poder de decisão em relação aos diversos aspectos do ensino e avaliação.

A consequência principal do ensino tradicional encontra-se na formação de reações e pensamentos estereotipados e automáticos, uma vez que as informações são passadas com o objetivo de serem apenas guardadas e não discutidas e não são consideradas as características individuais dos alunos. Os conhecimentos geralmente acabam sendo aplicados somente em situações idênticas às quais foram adquiridos e por isso o aluno que “aprendeu” o conteúdo acaba possuindo apenas um entendimento parcial de algumas situações (MIZUKAMI, 1986).

## **1.2 Abordagem comportamentalista**

Para Mizukami (1986) a abordagem comportamentalista define que o

conhecimento é uma descoberta nova para o indivíduo, porém, o que foi descoberto já existia na realidade exterior. A base da abordagem comportamentalista é a experiência ou a experimentação planejada para obtenção do conhecimento.

Nesta abordagem, o homem se torna resultado das influências ou forças do ambiente, sendo considerado o resultado de um processo evolutivo. A visão de mundo é a de que a realidade já é construída e o homem é o produto do meio. O comportamento pode ser alterado através de mudanças no meio ambiente.

Segundo Santos (2006) a abordagem comportamentalista analisa o processo de aprendizagem sem considerar os aspectos internos da mente do indivíduo, focando-se no comportamento observável. Esta abordagem também é conhecida pelo termo *Behaviorismo Radical*.

O *behaviorismo* radical foi proposto por Skinner, após a publicação de um livro no ano de 1945. Ele propunha uma forma de reflexão acerca do comportamento humano. Skinner não considerava elementos mentais como a origem de um comportamento, defendendo que procurar causas de atitudes humanas neles era improdutivo (VESCE, 2019).

No Brasil, esta abordagem ganhou força por meio do processo de aprendizagem por condicionamento, sendo fortalecida pelos modelos de currículo, por políticas educacionais e inserção de recursos didáticos (SANTOS, 2006).

Mizukami (1986) cita que na abordagem comportamentalista a educação é entendida como o processo de transmissão cultural e a escola é o agente educacional que controla os comportamentos. A relação aluno – professor é definida de forma que os alunos possuem o controle do processo de aprendizagem e o professor tem a responsabilidade de desenvolver um sistema de ensino e aprendizagem que possibilite ao aluno ter máximo desempenho.

Como metodologias aplicáveis nesta abordagem aceita-se tecnologias educacionais e reforços no relacionamento do professor – aluno. Para avaliar o aluno, deve-se considerar casos isolados, uma vez que a abordagem permite que cada aluno avance em seu próprio ritmo. Portanto, deve-se analisar cada aluno e constatar se ele chegou ao objetivo proposto no início do programa (MIZUKAMI, 1986).

### **1.3 Abordagem humanista**

Segundo Ostermann e Cavalcanti (2010) o principal objetivo da abordagem humanista é o crescimento pessoal do aluno. Ela considera o aluno como uma pessoa e dita que o ensino deve facilitar o processo de auto – realização, visando não somente a aprendizagem tradicional, mas também a aprendizagem emocional, cognitiva e psicomotora.

Mizukami (1986) define a abordagem humanista como a abordagem em que o sujeito é o principal elaborador do conhecimento. É centrada no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Desta forma, o professor não passa o conteúdo, mas dá assistência, facilitando a aprendizagem. Em outras palavras, o professor não ensina, mas cria condições para que o aluno aprenda por meio de experiência.

Na abordagem humanista, a relação professor – aluno é embasada no conceito de que cada professor cria seu próprio conteúdo e o ensino depende de cada professor e da forma que ele se relaciona com o aluno. Desta forma, o professor deve aceitar o aluno como ele é e compreender seus sentimentos e o aluno torna-se responsável pelos objetivos de aprendizagem que são importantes para ele (MIZUKAMI, 1986).

Para Ostermann e Cavalcanti (2010), segundo a teoria de Carl Rogers, principal estudioso da abordagem humanista, a relação entre o facilitador e o aluno deve pautar-se na confiança e na aceitação, além de comunicação. Desta forma, a aprendizagem torna-se mais duradoura e penetrante.

Santos (2006) cita que muitas vezes, os conceitos humanistas defendidos por Rogers são confundidos no ambiente escolar com “afrouxamento da disciplina” ou “libertinagem pedagógica”, fato que tornou a abordagem humanista um alvo de muitas críticas negativas, o que acabou retirando sua aplicação do ambiente escolar.

### **1.4 Abordagem cognitivista**

A abordagem cognitivista, segundo Santos (2006) é oposta à abordagem comportamentalista e seu foco principal está na análise da mente e do ato de conhecer. Procura entender como o conhecimento acerca de mundo é construído, analisando os aspectos envolvidos no processo estímulo – resposta.

Mizukami (1986) define a abordagem cognitivista como a “organização do

conhecimento, processamento de informações e estilos de pensamento ou estilos cognitivos, comportamentos relativos à tomada de decisões, etc”.

A abordagem cognitivista surgiu na mesma época do *behaviorismo*, ficando em alta na década de 90, resgatando estudos sobre psicologia cognitiva de autores como Piaget e Vigotsky, que desenvolveram estudos que serviram de base para os teóricos educacionais desenvolverem a teoria da aprendizagem do Construtivismo (SANTOS, 2006).

Lev Vigotsky foi um psicólogo bielorrusso, que viveu entre 1896 e 1934. A parte mais conhecida do estudo de Vigotsky foca no tema de criação de cultura, mais especificamente para educadores acerca do desenvolvimento intelectual. Vigotsky dava um papel de importância para as relações sociais no desenvolvimento intelectual, de forma que a abordagem de ensino construtivista se originou (FERRARI, 2008).

Ferrari (2008) cita ainda que Vigotsky atribuía ao professor o papel de impulsionador do desenvolvimento psíquico infantil. O importante não era o aluno possuir uma quantidade grande de conhecimento e sim que fossem apresentadas aos alunos diversas formas de pensamento de acordo com as condições dos alunos de absorvê-las.

No construtivismo, afirma-se que o homem é um ser que se forma por meio do contato com a sociedade, ou seja, a formação do homem acontece por meio da relação entre o sujeito e a sociedade ao redor, de forma que o homem modifica o ambiente e vice-versa. (FERRARI, 2008).

Santos (2006) cita ainda que a abordagem cognitiva ou o construtivismo foi equivocadamente adotada como a teoria mais adequada e eficiente de ensino – aprendizagem, como a abordagem mais eficiente para o processo, e tal fato pode ser constatado em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros.

No construtivismo ou abordagem cognitiva, o homem e o mundo são estudados em conjunto, já que o conhecimento é resultado de sua interação. Os conceitos sociais variam de grupo para grupo, conforme sua realidade. Já o conhecimento é considerado como uma construção contínua e o processo de educação atua provocando situações desequilibradas para o aluno, para que este se desenvolva (MIZUKAMI, 1986).



Ainda segundo Mizukami (1986) a abordagem cognitiva considera que a escola deve inicialmente, ensinar o aluno a observar, pois, segundo os estudos de Piaget, o fracasso da educação formal ocorre pois inicia-se pela linguagem e não por ações reais e materiais. A relação professor – aluno é definida de forma que as duas partes sejam entendidas de forma não – convencional, e cabe ao professor criar situações e condições onde seja possível a reciprocidade intelectual e cooperação moral e racional.

### **1.5 Abordagem sócio – cultural**

A abordagem sócio – cultural enfatiza os aspectos sociais, políticos e culturais, com uma grande preocupação com a cultura popular, crescendo cada vez mais desde a II Guerra Mundial. Pode-se citar como principal estudioso desta teoria, Paulo Freire (MIZUKAMI, 1986).

Para Ostermann e Cavalcanti (2010), Paulo Freire pode ser considerado até os dias atuais um dos principais educadores do planeta. Seus estudos na área pedagógica iniciaram nos anos 60 e causaram grande impacto mundial.

O método “freireano”, como foi denominada a abordagem utilizada por Paulo Freire para educação de adultos em círculos culturais, baseia-se principalmente em que nos círculos culturais não há um conteúdo programático prévio. Os temas podem ser debatidos e estabelecidos pelo grupo. Aos educadores cabe orientar os alunos e propor temas secundários que impulsionem o processo de aprendizagem (OSTERMANN, CAVALCANTI, 2010).

Mizukami (1986) define que na abordagem sócio cultural o homem está inserido no contexto histórico e que ele é sujeito da educação. Define também que a educação deve ser precedida de uma reflexão sobre o homem e sobre o meio de vida em que ele está inserido e que a escola trata-se de um local de crescimento mútuo. Além disso, o processo de aprendizagem deve superar a relação opressor – oprimido, tornando a relação aluno – professor horizontal, onde o professor busca desmistificar e questionar junto com o aluno.

Paulo Freire argumentava que há sabedoria popular nos grupos, ou seja, os alunos possuem vivências, conhecimentos e hábitos que devem ser levados em conta no momento do ensino – aprendizagem, originando a relação horizontal entre aluno e

professor. Freire também afirmava que independente do trabalho se relacionar ou não com a alfabetização, o educador deve promover o debate, instigando os alunos sobre um tema ou palavra geradora, estando atento às dificuldades do grupo e sanando-as por meio de discussões auxiliadas por recursos didáticos, como pôsteres, slides, imagens, etc. (OSTERMANN, CAVALCANTI, 2010).

Ostermann e Cavalcanti (2010) enfatizam ainda que, para Freire, o papel da escola não é o mesmo papel da pedagogia, pois o ensino escolar atua de formalmente. Porém, princípios do método freireano podem ser aplicados em escolas.

Portanto, a abordagem sócio cultural busca como principais características ser ativa, criar um conteúdo programático próprio e enfatizar o diálogo crítico (MIZUKAMI, 1986).

### **1.6 A relação pedagógica**

Segundo Gaulke (2013) a relação pedagógica envolve não somente os interesses educacionais, mas também interesses sociais, governamentais, familiares e pessoais. Além disso, também é influenciada pelo tempo e espaço, onde o espaço definido socialmente para as relações pedagógicas é a escola, organizada tanto em seu ambiente físico quanto no tempo.

Apesar dos interesses e influências, a relação pedagógica não pode ser considerada única e uniforme. De acordo com as condições em que se realizam as ações de ensino, as relações sociais aluno – professor são diferentes, gerando as mais diversas condutas na dinâmica pedagógica.

Gaulke (2013) salienta que os alunos e os professores possuem suas formas de ser, de se relacionar com o conhecimento e com as pessoas, diferentes vivências, culturas e formações profissionais, fato que torna benéfica a relação pedagógica, uma vez que a escola deve promover o sentimento de acolhimento e de abertura para novas relações.

A relação professor – aluno – conhecimento pode ser entendida como um triângulo pedagógico da educação, que deve estar presente em todas as fases do ensino, desde o infantil até o superior.

## 1.7 A afetividade na relação aluno – professor

Segundo Silveira (2014) a educação afetiva deveria ser considerada a preocupação inicial do educador, pois esta influencia e condiciona o caráter, o comportamento e a atividade cognitiva da criança. Partindo-se do conceito de que a escola é a continuação do lar, ela deve não somente fornecer conhecimentos conceituais, mas também contribuir para o desenvolvimento da personalidade dos alunos como um todo.

Silveira (2014) cita ainda que nas diretrizes de formação de professoras brasileiras é citado que uma “educação de qualidade deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal”, evidenciando que a dimensão afetiva deve estar inserida no ambiente educacional.

Segundo Veras e Ferreira (2010) um dos principais estudiosos acerca de afetividade foi Henri Wallon, que, em sua teoria da Psicogênese da Pessoa Completa afirma que a dimensão afetiva tem papel fundamental na construção da pessoa e do conhecimento.

Segundo Veras e Ferreira (2010) Wallon define o termo afetividade como as primeiras expressões de prazer e sofrimento da criança, sendo estas de caráter primitivo, tornando-se a base das reações afetivas. Conforme ocorre o desenvolvimento, a afetividade passa a ser influenciada pelo meio social. Ainda segundo Wallon, a afetividade pode representar um conjunto abrangente, incluindo-se sentimentos, emoção e paixão, termos que, na teoria walloniana, possuem definições distintas.

Veras e Ferreira (2011) citam que Wallon define emoções como a exteriorização da afetividade, procedendo de variações viscerais e musculares e acompanhada por prazer e desprazer, demonstrados por meio de alterações orgânicas e físicas. Os sentimentos não implicam reações instantâneas e diretas e são manifestações mais evoluídas. A paixão aparece no progresso das representações mentais e pode se apresentar de forma intensa e profunda, tornando a emoção silenciosa.

Lopes (2011) cita ainda que os estudos de Wallon auxiliam em reflexões acerca do adolescente, que passam por uma fase marcada por mudanças de estruturação

de personalidade e quando o adolescente se volta para questões ligadas ao seu lado pessoal, moral e existencial. A adolescência é uma fase marcada por questionamentos, exigências, novas experiências e constantes preocupações, que muitas vezes não são contidas ou canalizadas, gerando conflitos com pais, professores e colegas.

Desta forma, a escola tem como função criar um ambiente mais estimulante e afetivo, que dê ao adolescente a chance de enxergar-se no processo. Por esta razão, a atuação do professor auxiliará o aluno à dar sentido ao seu existir e seu pensar. Não se deve confundir, entretanto, uma relação aluno – professor com afeto e uma relação permissiva, pois ao contrário da segunda, o professor deve impor limites e possibilidades, sendo reconhecido como alguém que transmite conhecimentos, preocupa-se com a apropriação destes e compromete-se com a ação que realiza (LOPES, 2010).

Para Silveira (2014) o professor é um modelo em sua forma de resolver conflitos, expressar valores, comunicar-se, ouvir, falar e relacionar-se, e esta forma de relação com o aluno reflete na relação do aluno com o conhecimento e com outros alunos. A antagonia existente na relação, entre emoção e atividade intelectual é denominada de antagonismo de bloqueio por Wallon. O autor afirma que quando não são satisfeitas as necessidades afetivas do aluno, são criadas barreiras para o processo de ensino – aprendizagem e para o desenvolvimento do aluno.

Medo, angústia, ansiedade e frustração são sentimentos que podem desgastar os alunos e os professores podem auxiliar na redução ou eliminação destes sentimentos mostrando serenidade e tranquilidade (SILVEIRA, 2014).

Além disso, o professor é parte importante do processo de construção da auto – estima e da auto – imagem dos alunos e rotular os alunos dificulta este processo, pois estes rótulos podem ser internalizados pelo aluno, levando-o a crer que são reais. Portanto, aceitar as diferenças fará com que o aluno se aceite, valorize suas habilidades e desenvolva o seu potencial (SILVEIRA, 2014).

Para Veras e Ferreira (2011) a afetividade na relação aluno – professor é um aspecto positivo e pode ser percebida em diversos momentos, como no planejamento da disciplina, considerando-se os limites e possibilidades dos alunos, na escolha dos procedimentos de ensino, na avaliação e no compartilhamento de responsabilidades.

Além disso, uma relação afetiva positiva entre o professor e os alunos proporciona interesse no aprendizado por parte dos alunos.

## **2 A LEGISLAÇÃO NA RELAÇÃO ALUNO – PROFESSOR**

Apesar da relação aluno – professor poder ser pautada principalmente em questões éticas, morais, afetivas e psicológicas, alguns pontos da legislação brasileira relacionada à educação citam ou direcionam esta relação, para que ela ocorra de forma eficiente.

A legislação principal relacionada ao ensino fundamental no Brasil é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, que foi publicada inicialmente em dezembro de 1996 e vem passando por revisões e alterações desde então, sendo sua última alteração no ano de 2009 (ALOÍSIO, 2013).

A LDB direciona e estabelece todas as diretrizes da educação básica nacional, desde o ensino infantil até o ensino médio.

Como primeiro princípio ao qual se pode basear a relação aluno – professor, pode-se citar o art 22 da LDB, que cita:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996).

Analisando o citado no artigo, o professor deve manter em mente que não basta somente passar o conhecimento ao aluno, de forma mecânica. Transmitir conhecimentos além das teorias, de forma a desenvolver o aluno, preparando-o para que se torne um cidadão e que consiga progredir no trabalho e em estudos futuros não é somente “jogar” informações para o aluno. Como dito anteriormente, os alunos se sentem mais impelidos à aprender e participar quando sentem a demonstração de afetividade por parte do professor, quando se sentem aceitos.

Portanto, o professor deve sim, ensinar o conteúdo, mas buscando formas de se conectar com o aluno, contribuindo muitas vezes, não somente para sua formação acadêmica ou profissional, mas também para o seu desenvolvimento pessoal.

No artigo 32 da LDB, dão definidos os conteúdos obrigatórios de aprendizagem no ensino fundamental, entre eles:

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (LDB, 1996).

Conclui-se portanto, a partir do exposto anteriormente, que o professor não tem o papel somente de comunicador da informação, como definido na abordagem tradicional de ensino.

A própria legislação trata de explicitar que não somente a formação acadêmica e intelectual é necessária, mas também uma formação humanizada, onde se trabalhem relações pessoais e sociais, como exposto na abordagem sócio – cultural de ensino.

Nota-se ainda o desenvolvimento da legislação em relação ao tema, uma vez que a preocupação com o desenvolvimento e cultura sociais estão inclusos nas diretrizes de ensino.

A Resolução Nº 07 do Ministério da Educação, publicada em dezembro de 2010, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de 9 anos. Analisando a resolução no contexto da relação aluno – professor, destaca-se o citado em seu parágrafo 2º do art 5º, que explana sobre o direito à educação de qualidade.

§ 2º A educação de qualidade, como um direito fundamental, é, antes de tudo, relevante, pertinente e equitativa.

I – A relevância reporta-se à promoção de aprendizagens significativas do ponto de vista das exigências sociais e de desenvolvimento pessoal.

II – A pertinência refere-se à possibilidade de atender às necessidades e às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais e com diferentes capacidades e interesses.

III – A equidade alude à importância de tratar de forma diferenciada o que se apresenta como desigual no ponto de partida, com vistas a obter desenvolvimento e aprendizagens equiparáveis, assegurando a todos a igualdade de direito à educação (Ministério da Educação, 2010).

Neste contexto, a partir da análise da citação, nota-se novamente a presença dos conceitos explanados na abordagem sócio – cultural de ensino, pois define-se que a relevância da educação deve ser analisada a partir do ponto de vista das exigências sociais e do desenvolvimento pessoal do aluno.

Além disso, a educação de qualidade deve ser aquela que atenda às necessidades dos alunos, com as suas diversas características e contextos sócio – culturais, além de estar inclusa nas mais diversas capacidades e interesses.

Outro ponto definido é que na educação de qualidade deve haver equidade, ou seja, imparcialidade. Desta forma, o professor deve ensinar sem julgar os alunos por

quaisquer aspectos, atuando sempre com senso de justiça, provendo o direito à educação igualmente aos alunos.

O art 21 da Resolução Nº 07 (2010) cita que no desenvolvimento do projeto político pedagógico das instituições de ensino, o aluno deve ser o centro do planejamento, ou seja, ele é quem definirá os sentidos à natureza e à sociedade, por meio das suas experiências sociais, produzindo cultura e construindo sua identidade pessoal e social.

Desta forma, o professor possui o papel complementar não somente de transmitir conhecimentos aos alunos, mas também de auxiliar o mesmo em suas descobertas de identidade e conflitos internos e externos, tão comuns na adolescência.

### **3 OS PRINCIPAIS DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A MELHORIA NA RELAÇÃO ALUNO – PROFESSOR**

A interação entre professores e alunos possui influência direta no cotidiano de ambos, de forma positiva ou negativa. Muitas vezes, na rotina escolar, esta interação possui obstáculos e conflitos, que necessitam ser superados.

Porém, é importante que se reconheça quais são estes obstáculos e que se discuta acerca deles, para que se encontre uma solução adequada.

#### **3.1 A educação com limites e disciplina**

Um dos principais e mais abordados problemas nas salas de aula trata-se da falta de limites e de disciplina dos alunos, que têm comportamentos completamente inadequados na sala de aula.

Segundo Aloisio (2013) os alunos sentem-se na condição de clientes em instituições privadas e muitos pensam que na educação pública, a escola é obrigada a aceitá-los de qualquer forma, o que leva à ações desrespeitosas com professores e funcionários e à completa falta de limites.

A falta de limites no ambiente escolar prejudica não somente o andamento das atividades curriculares, mas também o desenvolvimento dos alunos como indivíduos e a saúde do professor (ALOISIO, 2013).

Aloisio (2013) cita que a imposição de limites, no sentido restritivo do termo, é parte do processo educacional e não impô-los acaba levando à uma crise de valores.

Desta forma, a imposição de limites aos alunos não somente auxilia em seu desenvolvimento escolar, mas também em seu desenvolvimento pessoal, fazendo com que percebam que na sociedade existem regras e limites impostos à todos.

O conceito de liberdade é muitas vezes confundido com a libertinagem. É possível que haja liberdade com limites e disciplina, usando-a com controle, senso e criticidade. Ultimamente, é possível notar que a maioria das pessoas preferem somente viver da forma que consideram mais fácil, adequada e sem restrições, fato que se aplica também às salas de aula (ALOISIO, 2013).

É importante que se imponha a disciplina e os limites na sala de aula, mas não de forma a aplicar a abordagem tradicional de ensino, que impõe o professor como figura autoritária, mas aplicando-se abordagens mais humanizadas, que incluam a organização, a colaboração e a prática de comportamentos sociais comuns e padrões, favorecendo a convivência.

Em síntese, podemos dizer que a disciplina pode ser um dos mecanismos que colabora para a melhor organização escolar e, em consequência, para a apropriação de saber, agindo como um dos elementos de transformação que proporcionará ao sujeito maior autonomia, liberdade e senso crítico. Assim fazendo, estará, de forma muito pequena, mas estará provocando um princípio de modificações também na sociedade, já que sociedade e escola estão em contínua interação (D'ANTOLA, 1989, p. 37).

Desta forma, é importante que o professor entenda e aplique os conceitos e teorias relacionadas à limites e disciplina em sala de aula e que este tema seja discutido nas escolas, para que se busquem soluções cada vez melhores. Em relação aos alunos, eles podem não perceber a importância da disciplina no momento, mas perceberão no futuro (ALOISIO, 2013).

### **3.2 Evasão escolar**

No ano de 2015, foi divulgada uma pesquisa intitulada “Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam”, desenvolvida pelo Ministério da Educação em conjunto com a Organização dos Estados Interamericanos (OEI) e com a Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (Flacso) (ABRAMOVAY; CASTRO;



WAISELFISZ, 2015).

O objetivo da pesquisa foi entender os jovens, a forma como pensam sobre o contexto escolar e as suas opiniões sobre as políticas públicas frente aos problemas da educação.

Segundo Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015) muitos alunos declaram que a escola fez ou faz parte de sua vida, suprimindo carências do ambiente familiar. Neste contexto, nota-se a importância do papel do professor e da equipe pedagógica em relação ao aluno, pois estes souberam passar a sensação de carinho e afetividade, ao mesmo tempo que ministravam aulas agradáveis e dinâmicas.

Os autores citam ainda que estes alunos alegam ter se tornado mais críticos em relação às situações vividas e que frisam que a escola tem a possibilidade de passar mais que conhecimento acadêmico, tornando-se uma fonte de socialização.

A evasão escolar, as repetências e as quedas no desenvolvimento escolar são comumente associadas à problemas no âmbito familiar ou relacionados aos professores, como faltas e displicência ou pela fase da vida dos alunos, que podem se interessar por outros assuntos (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015).

A pesquisa realizada por Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015) demonstra que aproximadamente 88% dos alunos matriculados no ensino médio nunca abandonaram a escola. Dentre os alunos que abandonaram a escola, pode-se citar os mais diversos motivos, como: trabalho, questões familiares, violência na escola, não gostavam de estudar, a escola era “chata”.

Em relação aos motivos apresentados, é válido discutir os argumentos dos que não gostavam de estudar e dos que alegaram que a escola era chata. Estas razões trazem à tona reflexões acerca do ambiente escolar e da forma de ensino utilizada, uma vez que busca-se cada dia mais “a socialização pelo conhecimento e modos de vida em sociedade, que seriam próprios da escola” (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015, p. 66).

Outros argumentos mais profundos dentro de “escola chata” são apresentados, sendo eles tédio e monotonia em uma escola que deveria ser inovadora. Além disso, alguns entrevistados apontam que a escola não é responsável pela evasão, e sim o desinteresse e a falta de força de vontade por parte dos alunos.

A pesquisa aponta também que a relação desenvolvida entre professor – aluno

pode influenciar na evasão escolar, uma vez que ela pode nortear a opinião do aluno para ser positiva ou negativa em relação à escola e, segundo os entrevistados, quando os professores dominam o conteúdo, estabelecem diálogos e respeitam a individualidade dos alunos há maior incentivo para que eles permaneçam na escola. (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015).

### **3.3 A educação vista como mercadoria e o aluno visto como cliente**

O professor é a referência do aluno, servindo como exemplo e atuando como mediador, apoiador e auxiliar. A relação de afeto e carinho que é desenvolvida afeta o ritmo de desenvolvimento dos alunos, fazendo diferença no aprendizado e vida social do aluno (ALOISIO, 2013).

Porém, alguns professores, principalmente em instituições privadas, se deparam com dificuldades no momento de impor limites aos alunos e ao mesmo tempo, não contam com o apoio da direção ou da família do aluno, que o apoia incondicionalmente, simplesmente pela razão de que a família está pagando.

Segundo Farias (2008, *apud* Aloisio, 2013, p. 27)

No setor privado, os professores frequentemente são expostos a situações de violência que se expressa desde o desrespeito por parte dos alunos até a desconstituição da sua autoridade pelas direções. A compreensão equivocada de 'aluno cliente' na escola privada alimenta a dificuldade para transformar o ato violento em conteúdo pedagógico, que deve ser trabalhado pelas direções da escola, professores, alunos e a família.

Desta forma, a escola trabalha seguindo a ideia de que "o cliente sempre tem razão" e o professor perde completamente seu papel de autoridade e de autonomia, dando margem ao aluno e à sua família para decidirem sobre o justo e injusto, certo ou errado, segundo seus conceitos pessoais, dentro e fora do ambiente escolar.

Não é sem razão que a escola passou a ser vista como empresa, o estudante veio a ser compreendido como cliente e os profissionais da educação foram trazidos à equiparação a quaisquer outros trabalhadores da iniciativa privada. O mote 'o aluno está pagando, ele tem direito' evidencia essa operação que se encerra na ênfase ao mercado e na desfocalização da educação como bem de cidadania (ALOISIO, 2013, p. 29).

Aloisio (2013) cita também que o estresse do professor diante de situações como esta torna-se um agravante na relação aluno – professor, fazendo com que o professor fique cansado, perca o interesse e a vontade de buscar por metodologias

mais dinâmicas, tornando a aula monótona e tediosa aos alunos, o que gera desinteresse e maior distanciamento entre o aluno e o professor.

A “comercialização” da educação, comum principalmente em instituições privadas, gera perdas à todos, pois gera um professor esgotado, doente e desinteressado, tendo como consequência um menor desenvolvimento dos alunos, problemas para a direção da escola e desconforto da família em relação à aprendizagem dos alunos. Desta forma, a atuação do professor torna-se mínima, restrita e específica (ALOISIO, 2013).

### **3.4 A relação aluno – professor e a diversidade nas salas de aula**

A qualidade da relação aluno – professor indica fortemente uma boa adaptação escolar e um ajustamento escolar positivo. Além disso, pode trazer benefícios ao aluno como o bom desenvolvimento escolar e a auto – confiança dos alunos em relação às suas capacidades, atitudes e motivações (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011).

Nos últimos anos, as escolas públicas brasileiras mudaram significativamente a configuração social das salas de aula. Segundo Barbosa, Campos e Valentim (2011) inicialmente as classes eram compostas majoritariamente por alunos brancos, com níveis socio econômicos elevados e sem necessidades de educação especial.

Hoje, devido às políticas públicas nacionais, há a priorização do ensino especial para combater a evasão escolar e aumentar a escolaridade da população, fato que tornou as salas de aula ambientes muito mais diversificados, tanto em relação à presença de alunos especiais, como em relação à raça, cor, sexo e idade.

Barbosa, Campos e Valentim (2011) citam que a relação do professor com os alunos com necessidades especiais (NEE) são fundamentais no desenvolvimento socioemocional da criança, pois possibilita o aprendizado por meio de experiências e das diferenças individuais, ampliando seu leque de opções de obtenção de conhecimento, competências, valores e habilidades. O desenvolvimento da relação do professor com alunos NEE também influencia nas características comportamentais, de comunicação e de habilidades sociais e no desenvolvimento acadêmico do aluno.

Em relação ao sexo dos alunos, o estudo apresentado por Barbosa, Campos e

Valentim (2011) afirma que as relações com alunos do sexo masculino são mais conflituosas e menos positivas, pois as meninas se atentam mais aos meios sociais e possuem relações mais diversificadas, o que pode favorecer o desenvolvimento emocional e favorecer a relação com os professores.

Barbosa, Campos e Valentim (2011) citam que as relações aluno – professor são menos conflituosas e mais próximas com alunos de condições socio econômicas mais favorecidas do que com alunos não brancos. Aponta-se que há evidências de que as relações são mais positivas quando o aluno e o professor são do mesmo grupo étnico – racial.

A situação da distribuição do ensino para negros é expressivamente pior, mantendo-se ainda um padrão herdado por gerações, mesmo com as melhorias de escolaridade, fato que se relaciona com o histórico de discriminação racial da sociedade brasileira e a ainda significativa desigualdade social (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011).

Em relação à série, Barbosa, Campos e Valentim (2011) citam que a relação aluno – professor tende a ser mais amistosa nas séries iniciais, uma vez que a pouca idade dos alunos permite mais afinidade e relação positiva com o professor.

É necessário destacar, entretanto, que para se desenvolver uma escola que eduque na diversidade e para a diversidade, há a obrigação de se superar preconceitos e atitudes discriminatórias com alunos NEE, pretos, do sexo masculino e que apresentem algum tipo de defasagem idade – série.

### **Considerações Finais**

A formação de professores e a sua relação com os alunos é um assunto largamente discutido, pesquisado e estudado, para colocar em evidência as teorias diversas sobre o assunto.

É claramente perceptível que muitos professores estão descontentes com sua profissão e trabalham de forma quase “automática, preocupando-se apenas em ministrar os conteúdos previstos no currículo. Também é perceptível o crescimento da indisciplina e desrespeito nas escolas por parte dos alunos com os professores.

Após a realização do presente trabalho, foi possível perceber que muitas

dificuldades na relação aluno – professor possuem causas que devem ser estudadas profundamente e muitas vezes estas causas se relacionam com a maneira de ensino do professor ou da escola, que podem optar por um ensino tradicional, distanciando o aluno do professor.

É possível notar também que, para alunos do ensino fundamental, que encontram-se na pré - adolescência e adolescência, a afetividade no relacionamento com o professor é uma boa ferramenta, uma vez que o aluno se sente mais confiante em compartilhar suas dificuldades com o professor.

Pode-se perceber que a própria legislação oferece bases e princípios da educação freireana, que torna o processo de ensino – aprendizagem mais humanizado e próximo.

Ainda há diversos desafios a serem vencidos na educação para que se atinja um nível pleno e satisfatório na relação aluno – professor, porém, como exposto, muitos desafios já podem ser vencidos, por meio de mudanças de métodos e hábitos.

Conclui-se portanto que os objetivos do trabalho foram atingidos, uma vez que se propôs a discussão da relação professor – aluno e os principais desafios e soluções de melhorias.

Propõe-se como trabalhos futuros o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, demonstrando a aplicação das soluções propostas e os resultados encontrados.

## Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.; WAISELFISZ, J. **Juventudes na Sentidos e Buscas: Escola, Por Que Frequentam?**. Brasília, Ed. Flacso 2015

ALOISIO, Vanessa. **A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. 2013. 46 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BARBOSA, Altemir; CAMPOS, Renata; VALENTIM, Tássia. A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno<sup>1</sup>. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2011.

BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A.; Relação Professor/Aluno. **Revista Saberes da Educação**, São Roque, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BRASIL. Ministério Da Educação. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010**, Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério Da Educação. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**, Brasília, 1996.

D'ANTOLA, Arlette. (org.). **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.

FERRARI, Marcelo. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. In: **Nova Escola**, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>. Acesso em: 21 jul. 2020.

GAULKE, Alvine. **A relação professor - aluno - conhecimento na educação infantil: princípios, práticas e reflexões sobre protagonismo compartilhado**. 2013. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOPES, Rita de Cássia Soares. A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM. **Dia a dia educadores**, [s. l.], 2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti . **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

OSTERMANN, Fernanda.; CAVALCANTI, Cláudio. **Teorias de aprendizagem**: Texto introdutório. Rio Grande do Sul: [s.n.], 2010.

SANTOS, José. Teorias da Aprendizagem: Comportamentalista, Cognitivista e Humanista. **Revista Sigma**, Goiânia, 2006.

SILVEIRA, Elisete. **A Importância da Afetividade na Aprendizagem Escolar: O Afeto na Relação Aluno-Professor**. mar. 2014. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>. Acesso em: 23 abr. 2020.

VERAS, Renata; FERREIRA, Sandra. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em revista**, Curitiba, 2010.

VESCE, Gabriela. Behaviorismo Radical. In: **Brasil Escola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comportamento/behaviorismo->

